

Emília vai à guerra

Ana Amélia Viana Gouvêa
Universidade Federal de Minas Gerais

Entre o nascimento em meio à oligarquia cafeeira paulista e a velhice sem muitos recursos, Monteiro Lobato levou uma vida quase anedótica em seus altos e baixos. Depois de haver sido o principal crítico paulista de arte e cultura na década de 1910, o primeiro e maior empresário do mercado editorial brasileiro nos anos 1920, o homem do ferro e do petróleo nos anos 1930, Lobato sustenta-se na velhice com o que lhe rende a literatura infantil.

Monteiro Lobato parece ter atravessado a vida a bordo de um redemoinho. Homem que nunca se fez de rogado para externar opiniões, esteve sempre a postos, no centro da praça, anunciando a seus contemporâneos a receita capaz de mudar o mundo. Nas centenas de documentos que compõem sua obra, um vasto conjunto de opiniões se manifesta. São pontos de vista difíceis de serem enfeixados em definições precisas, seja porque apontam para diversas direções – de artes plásticas a comportamento, da solução para os problemas econômicos brasileiros aos efeitos da bomba atômica, de saneamento básico a legislação trabalhista –, seja porque nem sempre se mantêm os mesmos ao longo dos anos.

Algumas linhas mestras, contudo, podem ser lidas nos sulcos deixados por sua palavra corrosiva: um forte pessimismo em relação à elite e ao povo brasileiro; uma formação intelectual que denunciava influências dos principais pensadores do século XIX e que o pôs permanentemente em contraste com as teorias e as práticas no ar do tempo da primeira metade do século XX; o liberalismo como receituário para o desenvolvimento do país; e, ainda, um tom condescendente no trato com a elite brasileira, à qual se dirigia de cima para baixo, aristocraticamente.

A atuação de Lobato exalava o que um de seus estudiosos, Cassiano Nunes, definiu como “pessimismo construtivo”.¹ Lobato professava que

¹ NUNES, 1979, p. 13.

caberia à classe dirigente e aos intelectuais trabalharem em prol do esclarecimento do povo. Atribuía aos indivíduos de exceção, aos líderes, o papel de empreender as mudanças requeridas para o desenvolvimento da nação.

Nessa busca incessante de caminhos para o país, a melhor parte da atuação de Lobato – a que mais chances apresenta de sobreviver ao próprio tempo – parece ser a literatura dirigida às crianças. Salta aos olhos, nesses livros, sua grande aposta no conhecimento como ferramenta necessária para mudar o mundo. Embora inicialmente concebidos como parte de uma estratégia editorial, seus livros para criança assumem, com o passar dos anos, a tarefa de formar a elite capaz de constituir a nação brasileira. Uma elite pensante, leitora de jornais, conhecedora das principais invenções a serviço da humanidade, pacifista, informada e contestadora, aberta a novas idéias e teorias.

Para essa elite do futuro, Lobato desenhou um país imaginário, no qual reconhecemos – à sua imagem e semelhança – suas melhores intenções, mas também suas idiossincrasias. Seria limitador, contudo, encararmos seus escritos apenas como parte de um projeto ideológico elitista e restritivo. Ainda que conduzido por uma minoria esclarecida, o sonho de Lobato de um país melhor valia para todos os brasileiros, como podemos apreender, por exemplo, no livro *O poço do visconde*. Suas palavras traçaram no papel os caminhos para um Brasil livre e democrático, no qual não houvesse diferença de tratamento entre meninos e meninas, e a autoridade estivesse baseada não na força, “mas ali, na batata do conhecimento”, como diria Emília.

O Sítio do Picapau Amarelo

Quando, em 1921, lança *Narizinho Arrebitado*, Lobato propõe nos reclames uma “revolução” na literatura para crianças. Se a palavra *revolução* parece exagerada, podemos pelo menos dizer que havia ali uma grande inovação: pela primeira vez na literatura infantil brasileira, um escritor se propunha incentivar a imaginação, o prazer da leitura, e não apenas a formação moral e cívica das crianças.

Até aquele momento, uma criança brasileira propensa a aventurar-se pelo mundo das letras teria poucas opções de leitura: livros escolares, concebidos para auxiliar a alfabetização e a formação moral e cívica; e um

repertório reduzido de livros de “Literatura Infantil”, considerada aqui como “o acervo de livros que, de século em século e de terra em terra, as crianças têm descoberto, têm preferido, têm incorporado ao seu mundo (...)”.² Nos dois casos, quase os mesmos de que um pequeno leitor português disporia naquele momento.

Segundo Nelly Novaes Coelho, os livros para criança vindos de Portugal resumiam-se a cartilhas, manuais de comportamento e moral e a algumas compilações provenientes da narrativa oral, quase todos escritos nas duas últimas décadas do século XIX. Os livros produzidos no Brasil – até então destinados em sua totalidade à formação escolar – pouco espaço ocupariam nessa prateleira. Uma família que incentivasse hábitos de leitura nas crianças teria adquirido *Narizinho Arrebitado*, pois seu autor vinha recomendado pelo sucesso de *Urupês* (1918), sem precedentes na literatura brasileira, e o livrinho fora amplamente divulgado na *Revista do Brasil*, da qual Lobato era proprietário.

Ao conceber a história de Lúcia, a menina órfã, de narizinho arrebitado, que vivia com a avó dona Benta Encerrabodes de Oliveira em uma casinha branca “lá muito longe”, Lobato já era um editor ambicioso, que acabara de fundar a editora Monteiro Lobato e Cia. Como pai de família, preocupava-se com livros para os filhos; como editor, identifica essa lacuna no incipiente mercado editorial brasileiro e trata de ocupá-la. O livro foi lançado com estardalhaço, com propaganda de página inteira e distribuição de 500 exemplares para os grupos escolares de São Paulo. Em função disso, a maior tiragem já vista no Brasil, 50.500 exemplares, esgotou-se em cerca de nove meses.

Já em 1916, em carta ao amigo Godofredo Rangel, Lobato expressava sua insatisfação com os livros de que ele e a esposa dispunham para a educação dos filhos. Criticava a excessiva moralidade dos poucos livrinhos brasileiros e as traduções portuguesas de clássicos franceses, que comparava a uma moita de amoras selvagens: “espinhentas e impenetráveis”,³ e pensava em verter para o português falado no Brasil fábulas de Esopo e La Fontaine. Em três cartas escritas a Rangel, comenta a impressão que teve na infância ao ler *Robinson Crusoe* (Daniel Defoe, 1719):

² MEIRELES, 1984, p. 31-32.

³ LOBATO, 1961a, p. 104.

Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoe do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no Robinson e n'Os Filhos do Capitão Grant.⁴

Além da preocupação de falar à imaginação das crianças, Lobato também procurou encontrar a linguagem mais acessível a seus leitores e, uma vez mais, as cartas a Godofredo Rangel são importantes para compreendermos as intenções do autor: “desliteraturizar” a literatura, “cortar tudo o que se parecesse com literatices”.

Durante os anos 1920 até 1931, Lobato se ocupa, principalmente, dos livros mais tarde compilados sob o título de *Reinações de Narizinho* (1931). Sua contribuição para um projeto de constituição da nacionalidade brasileira, pela via da literatura infanto-juvenil, amadureceria nas duas décadas seguintes, quando Lobato atingiu momentos de grande integração entre sua militância civil e sua obra para crianças.

Tempo de posições extremadas, na década de 1930 era geral a expectativa de um projeto educacional com alcance para moldar a feição do Brasil. No campo da literatura infantil, a orientação do regime Vargas mantinha-se no sentido de incentivo ao “civismo”, ao fervor “patriótico”. Pelo menos quatro correntes disputavam a primazia de influir no ensino brasileiro: a Escola Nova, a Renovação Católica, o Projeto Fascista de Francisco Campos, e o Projeto de Militarização da Educação preconizado por Góes Monteiro e Gaspar Dutra. O Movimento da Escola Nova defendia o ensino público, universal, gratuito e leigo, inclusive com a preocupação de “não isolar a educação da vida comunitária”.⁵

De todos estes ideários, é da Escola Nova que mais se aproximam seus livros. Neles, não se observa apologia às noções de hierarquia e disciplina – a autoridade de dona Benta emana do respeito que seu conhecimento inspira aos netos; em nenhum momento o autor adere ao militarismo que pairava sobre o país; dona Benta ensina aos netos os mesmos conteúdos; e se há alguma divisão de papéis (Narizinho frita bolinhos e Pedrinho comanda a caça a onça, por exemplo), o autor jamais confina as personagens femininas a papéis subalternos.

⁴ LOBATO, 1961a, p. 293.

⁵ SCHWARTZMAN et al., 1984, p. 53.

A série do Sítio do Picapau Amarelo encerra-se em 1944, com *Os doze trabalhos de Hércules*. Ao todo são trinta e nove histórias – trinta e duas originais e sete adaptações. No fim da vida, Monteiro Lobato teve tempo de ver mais de cem títulos em circulação no Brasil e na Argentina, além de acompanhar traduções de suas obras para o francês, espanhol, inglês, árabe, alemão, japonês, iídiche e italiano.

Os livros do Picapau Amarelo podem ser divididos em dois grupos: no primeiro estão as aventuras, protagonizadas pelos personagens infantis, Pedrinho ou Narizinho, ou conduzidas por um dos seres fantásticos, como a Emília ou o visconde de Sabugosa. No segundo, situam-se os livros de cunho didático, que combinam o propósito de transmitir ensinamentos úteis com o da formação intelectual das crianças. Em sua maioria, os livros do último grupo contam com a condução – ou a mediação – de um narrador adulto.

No primeiro grupo, o mundo histórico pouco participa da narrativa; são livros mirados na imaginação do leitor como *Reinações de Narizinho*, *O saci*, *Viagem ao céu*. Mas a partir de *História do mundo para crianças* (1933), a série do Picapau Amarelo privilegia o caminho da literatura didática, com o lançamento de *Emília no país da gramática* (1934), *Aritmética da Emília* (1935), *Geografia de dona Benta* (1935), *História das invenções* (1935), *Serões de dona Benta* (1937), *Histórias de tia Nastácia* (1937) e *O poço do visconde – Geologia para Crianças* (1937), escrito para veicular a principal campanha do próprio Lobato, quando todos os recursos de disseminação de idéias pareciam esgotados.

Há um grupo de livros, contudo, que parece se situar na interseção dessas duas maneiras de se dirigir aos leitores: livros que apelam à imaginação, ao mesmo tempo em que estão embebidos na realidade imediata e pretendem ensinar aos leitores o código apropriado para compreendê-la. É o caso de *A reforma da natureza* e *A chave do tamanho*, fundamentais para acompanharmos as mudanças que a Segunda Guerra imprimiu à obra de Lobato.

A série do Picapau Amarelo caracterizou-se por edições bem cuidadas, com textos de fácil leitura, que, aos poucos, constituem uma única história sem fim, “à moda dos polípeiros”, como definiria o próprio Lobato. Os episódios podem ser lidos separadamente ou em seqüência. “À medida que os anos correm, o escritor os vai aperfeiçoando. Remodela, amplia, funde histórias, dá mais vida e colorido às aventuras”, resume

Cavalheiro.⁶ O resultado final é um mundo ordenado, razoavelmente estável, embora permeável a mudanças.

Algumas características permanecerão as mesmas ao longo dos episódios, como a idade dos personagens, principais traços comportamentais e psicológicos e os lugares sociais ocupados por eles. Mas as aventuras vividas os modificarão em determinados aspectos – uns mais, outros menos: dona Benta aprende a não se espantar com as aventuras dos netos e assume, com o passar das histórias, um papel cada vez mais definido de guia intelectual do grupo. A boneca Emília passa de simples trapo de pano mudo feito por tia Nastácia à mais complexa personagem do Picapau Amarelo.

O episódio no qual a boneca começa a falar é um dos pontos de inflexão na série. “É exatamente a capacidade de fala e seu ilimitado exercício a condição essencial para que Emília desempenhe a importante função que é sua dentro das aventuras do Picapau Amarelo. É [a torneirinha mágica] que dá vida e sentido mágico à paisagem convencional.”⁷

A marcha dos episódios – em consonância com a marcha da História – também altera aspectos do Picapau Amarelo, evidenciando a permeabilidade do mundo da ficção à realidade em andamento. O sítio de dona Benta assume as feições de um laboratório no qual Lobato experimenta suas principais teorias: o mergulho em outros universos ficcionais, o petróleo, uma nova proposta pedagógica baseada no diálogo e na experimentação, a aplicação de novas técnicas agropecuárias etc.

O resultado final é a criação do que J.R.R. Tolkien⁸ denomina “mundo secundário” – um lugar que se acessa por meio da imaginação, regido por um conjunto de convenções e regras reconhecíveis e coerentes com uma lógica interna própria. No caso do Sítio do Picapau Amarelo, até mesmo as mudanças operadas em personagens e cenários concorrem para a sensação de *literary belief*. Mesmo porque uma das características mais marcantes do conjunto dessa produção é justamente sua troca de fluidos com o “mundo primário”, como Tolkien chama a realidade imediata.

O Sítio abre-se ao mundo por meio de expedientes que funcionam como poros, permitindo ao autor fazer a ponte entre a ficção e o mundo

⁶ CAVALHEIRO, 1968, p. 148.

⁷ LAJOLO, 2001, p. 119-137.

⁸ TOLKIEN, 1980, p. 111-120.

histórico. Os jornais, contudo, não são as únicas janelas abertas por Lobato para a realidade empírica: a ligação pode se dar por uma nova remessa de livros, uma carta ou telegrama ou mesmo pela audição do rádio, como em *A chave do tamanbo*, *História das invenções*, *História do mundo para crianças*, *Geografia de dona Benta*, *Peter Pan*, *Dom Quixote* e *O Sítio do Picapau Amarelo*.

Tal procedimento é também uma maneira de evidenciar algumas características de dona Benta: uma educadora que faculta aos netos instrumentos variados de interpretação do mundo e uma consumidora ativa de bens culturais e de informação. Uma “aristocrata mental”, expressão usada por Lobato em outro livro, *Cidades mortas*, para definir a parcela reduzida de pessoas que assinavam jornais na fictícia cidade de Oblivion:

O mundo esqueceu Oblivion, que já foi rica e lépida, como os homens esquecem a atriz famosa logo que se lhe desbota a mocidade. (...) Trazem-lhe os jornais o rumor do mundo, e Oblivion comenta-o com discreto parecer. Mas como os jornais vêm apenas para meia dúzia de pessoas, formam estas a aristocracia mental da cidade. São ‘Os que sabem’.⁹

As Guerras e o Picapau Amarelo

Encontramos na obra infanto-juvenil de Lobato os principais conflitos testemunhados desde o final do século XIX: Canudos, Guerra do Paraguai, Revolução Russa, Primeira e Segunda Guerra Mundiais, e por último as experiências nucleares no atol de Bikini. O assunto central deste artigo é o tratamento dado à guerra no livro *A chave do tamanbo*, publicado em 1942, o ano decisivo da Segunda Guerra Mundial, quando a máquina de guerra de Hitler havia atingido o máximo de sua expansão.

Entre os cinco volumes para crianças escritos entre 1939 e 1945, coincidindo com o cronograma da Guerra,¹⁰ em dois a guerra é o ponto de partida ou o motivo da história: *A reforma da natureza* (1941) e *A chave do tamanbo* (1942). Além disso, a Segunda Guerra foi incorporada

⁹ LOBATO, 1961b, p. 09.

¹⁰ *O Picapau Amarelo* (1939), *O Minotauro* (1939), *A reforma da natureza* (1941), *A chave do tamanbo* (1942) e *Os 12 Trabalhos de Hércules* (1944).

em trechos, parágrafos e até em capítulos inteiros nos livros paradidáticos como *História das invenções* (1935) e *História do mundo para crianças* (1933), como resultado da revisão empreendida por Lobato entre 1945 e 1946 para publicação de suas obras completas pela recém-fundada editora Brasiliense.

Durante esse trabalho, o escritor atualizou histórias e promoveu um novo ordenamento para seus livros. Em *História do mundo para crianças*, Lobato acrescenta dois capítulos: um para a Segunda Guerra e, o intitulado “Hiroshima”, que encerra o livro. Nele, a senhora afirma aos netos que o conflito encerra a Idade Moderna e abre a Idade Atômica.¹¹

O livro *Histórias diversas*, publicação póstuma promovida pela Editora Brasiliense (1959), também testemunha o interesse do autor pela Segunda Guerra Mundial e seus desdobramentos. Em um dos capítulos, denominado “Reinação Atômica”, Emília quase fica careca, resultado de exposição à radiação emanada dos testes atômicos realizados no atol de Bikini, acompanhados pela boneca, que averiguava “pessoalmente” as conseqüências da radiação nos seres vivos.

A Segunda Guerra chega ao Sítio

Lobato era um senhor de 60 anos, no início de 1942, quando escreveu *A chave do tamanbo*. Fazia poucos meses que havia deixado a prisão, para onde havia sido mandado pelo Estado Novo; seu filho Edgard estava à morte; e o andamento da Guerra ainda não permitia antever a vitória aliada. A Guerra era para ele tema central de anotações, diários, cartas e artigos. Para angústia de Lobato, o Estado Novo, embora já apoiasse os aliados, havia dado muitas mostras de simpatia ao Eixo, e ele sabia que a Guerra era decisiva para Vargas.¹²

Racionalista, liberal e individualista, Lobato divergiu de aspectos centrais do governo Vargas, como a questão da representação democrática, a orientação católica no sistema educacional brasileiro, o tamanho excessivo do Estado na condução do desenvolvimento econômico e a censura aos meios de comunicação.

¹¹ LOBATO, 1950a, p. 310-313.

¹² CAVALHEIRO, 1968, p. 170. 2 v.

No plano internacional, o panorama ainda era mais sombrio. Até então, todas as campanhas alemãs haviam sido vitoriosas, o que deixava a sensação de que eram invencíveis. Conforme atesta Hobsbawm, embora as decisões de invadir a Rússia e declarar guerra aos Estados Unidos já parecessem insensatas a alguns observadores, “o Eixo atingira o auge de seu sucesso em meados de 1942, e só perdeu inteiramente a iniciativa militar em 1943”.¹³ Somente do fim daquele ano em diante é que o poderio alemão começa a ser seriamente ameaçado, mas, então, *A chave do tamanho* já estava publicada. O livro parece ter sido escrito no primeiro semestre de 1942, coincidindo com a entrada dos Estados Unidos na Guerra e com o início da campanha russa, o que explica as inúmeras referências aos dois episódios.

A chave do tamanho começa com os personagens do Sítio do Picapau Amarelo reunidos junto à velha porteira, assistindo ao que Monteiro Lobato chama de pôr do sol de trombeta, expressão significativa, pois, no livro, essa tarde seria a última em que a humanidade veria a luz do sol ainda de posse de seu tamanho. O termo *pôr do sol de trombeta* comporta duas idéias: a da aproximação da noite e do anúncio de algo solene, catastrófico – apocalíptico –, feito por meio de trombetas. Fato que viria a se confirmar logo em seguida, com a chegada do carteiro com os jornais de dona Benta. Como em outros livros da série, é por meio do noticiário impresso que os assuntos do mundo exterior chegam ao Sítio. Pedrinho lê para a avó as notícias da Guerra:

– Novo bombardeio de Londres, vovó. Centenas de aviões voaram sobre a cidade. Um colosso de bombas. Quarteirões inteiros destruídos. Inúmeros incêndios. Mortos à beça.¹⁴

Como intelectual engajado nas lutas de seu tempo, Lobato apresenta, através da reação de dona Benta, seu ponto de vista diante da Guerra. E que o se vê é a sensação, observada em outros depoimentos sobre o período, de que o mundo havia ficado menor, de que qualquer aspecto dos conflitos dizia respeito a todos.

– (...) A humanidade forma um corpo só. Cada país é um membro deste corpo, como cada dedo, cada unha, cada braço ou perna faz parte do

¹³ HOBBSAWM, 1996, p. 49.

¹⁴ LOBATO, 1950b, p. 6.

nosso corpo. Uma bomba que cai numa casa de Londres e mata uma vovó de lá, como eu, ou fere uma netinha, como você, ou deixa aleijado um pedrinho de lá, me dói tanto como se caísse aqui. É uma perversidade tão monstruosa, isso de bombardear inocentes, que tenho medo de não suportar por muito tempo o horror desta guerra. Vem-me vontade de morrer. Desde que a imensa desgraça começou não faço outra coisa senão pensar no sofrimento de tantos milhões de inocentes. Meu coração anda cheio da dor de todas as avós e mães distantes, que choram a matança de seus pobres filhos e netinhos.¹⁵

Murilo Marcondes de Moura, no estudo *Três poetas brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*, demonstra que “essa ocupação com os acontecimentos da guerra era também partilhada por muitos outros autores brasileiros, principalmente naquele ano de 1942, que significou, para os historiadores, a ‘bissetriz’ do conflito”.¹⁶ A extensão do drama polarizou as atenções e proporcionou “uma pulsação comum” à humanidade. A fala de dona Benta se situaria, então, no mesmo plano do “sentimento do mundo” drummondiano ou da sugestão de Hobsbawm de que a Guerra teria sido uma aula de geografia – exemplos apresentados por Murilo Marcondes de Moura.

Em resposta a isso, Emília empreende uma viagem à Casa das Chaves, um lugar imaginário, que regularia todas as coisas do mundo, inclusive as guerras. Sem saber qual chave escolher, tenta a primeira. Num instante assiste ao mundo transformar-se em pano, pois, ao perder o tamanho, vê-se envolta pelo próprio vestido. Monteiro Lobato utiliza uma caixa de fósforos caída do bolso do vestido para que Emília conclua três coisas de grande importância: primeiro, que seu tamanho equivalia a um centímetro; segundo, que o que havia acontecido a ela deveria ter se estendido a toda a humanidade; terceiro, e mais importante, que se os homens haviam perdido o tamanho, a guerra chegara ao fim.

Pequeninos como eu, os homens não podem mais matar-se uns aos outros, nem lidar com aquelas terríveis armas de aço. O mais que poderão fazer é cutucar-se com alfinetes ou espinhos! Já é uma grande coisa...¹⁷

¹⁵ LOBATO, 1950b, p. 7.

¹⁶ MOURA, 1998, p. 26.

¹⁷ LOBATO, 1950b, p. 13.

Ao reduzir o tamanho da humanidade, Emília devolve o *Homo sapiens* ao mundo natural. Nu em pêlo, indefeso, sem saber como reagir aos novos perigos, resta ao ser humano perecer ou adaptar-se. O mundo natural, em contraste com o mundo histórico, oferece abundância de recursos. E embora causadora de uma catástrofe, a boneca defende-se:

A tal civilização clássica já estava chegando ao fim. Os homens não viam outra solução além da guerra – isto é, matar, matar, matar, destruir todas as coisas criadas pela própria civilização – as cidades, as fábricas, os navios, tudo. Pense bem, visconde. Essa tal civilização havia falhado. Havia enveredado por um beco sem saída – e a saída que achava era suicidar-se a tiros de canhão.¹⁸

O sentimento de desencanto com o mundo em guerra é semelhante ao encontrado em outros textos do período. Para Walter Benjamin, a guerra era conseqüência direta da razão entre o poder dos meios de que as novas sociedades dispunham e sua incapacidade moral para avaliá-los e utilizá-los em proveito da maioria.¹⁹

Nos trechos de número 19 e 20 de *Minima Moralia*, Adorno denuncia as violências cotidianas a que eram submetidos os cidadãos das sociedades fascistas que engendravam em si, por sua “tecnicidade”, o embrutecimento dos homens: a “incessante progressão aos solavancos das brutalidades fascistas”.²⁰

Durante as guerras mundiais, a humanidade assistiu a um poderoso esforço econômico, que direcionou trabalhadores, agricultura e indústria para produção de um maquinário guerreiro. O espetáculo deixou em muitos de seus espectadores uma sensação de desânimo em relação à civilização que se formara. Outra fonte de assombro é a “impessoalidade da nova guerra”, no dizer de Hobsbawm: “a tecnologia tornara suas vítimas invisíveis”.²¹ Tal é o sentimento que se depreende do comportamento e das reflexões da Emília: o de que se a vida valia tão pouco, não havia porque lamentar as conseqüências da perda do tamanho.

¹⁸ LOBATO, 1950b, p. 100.

¹⁹ BENJAMIN, 1996, p. 194-196.

²⁰ ADORNO, 1993, p. 33-35.

²¹ HOBSBAWM, 1996, p. 57.

O próprio Lobato, em um escrito anterior a *A chave do tamanho*, dá testemunho desse desânimo, como mostra uma carta datada de 11 de fevereiro de 1940:

Não aparece o raio da morte, não aparece nada fulminante que arrase um país inteiro em um minuto. (...) A esperança é que com a vinda da primavera os alemães, que são o único povo realmente eficiente na arte de matar, façam alguma coisa de sensação (...).Hitler entusiasma. (...) meus votos são para que vença e tire ao resto da humanidade o gosto de viver.”²²

Em *A chave do tamanho*, Lobato conduz Emília e o visconde pelos países afetados pela guerra e até mesmo pelo *front* russo. O motivo da viagem é coletar informações para que os habitantes do Picapau Amarelo façam um plebiscito e decidam o futuro do tamanho da humanidade. À visita aos alemães cabe a maior fatia. Em Berlim, os destroços provocados pelo apequenamento da humanidade testemunham o caráter militarizado da cidade:

A enorme quantidade de montinhos de roupas em todas as ruas revelava a sua grande população. Na maioria eram montinhos de fardas com capacetes ou quepes em cima. Inúmeros automóveis despedaçados, quase todos militares.²³

Emília e visconde se dirigem ao palácio do governo, à procura de Hitler. Encontram-no sob a escrivania e o reconhecem pelo bigode. Apresentam-se, zombam do poder militar agora sem uso dos alemães, ironizam o arianismo e a superioridade racial. Em seguida, Emília anuncia ao ditador que o tamanho só será restituído se ele fizer a paz e recolher as armas, caso contrário, o mesmo “alguém” que alterou o tamanho dos humanos poderia encolhê-los ainda mais, de forma que os inimigos passariam a ser “as pulgas e as moscas”.

Emília faz referência a outro aspecto essencial do terror na Segunda Guerra: a perseguição aos judeus. Tendo em vista que “Visão 1944”, de Carlos Drummond de Andrade, é provavelmente o único poema brasileiro escrito durante a Guerra que faz referência ao holocausto,²⁴ a passagem

²² LOBATO, 1961c, p. 50-51.

²³ LOBATO, 1950b, p. 156.

²⁴ MOURA, 1998, p. 50.

a seguir ganha ainda um maior relevo, pois acredito que isso também seja válido para *A chave do tamanho* no cenário da literatura infantil brasileira:

– Não se assuste, Excelência. O visconde é o maior gigante do mundo, mas também é milho – um vegetal extremamente pacato. (...) e não é judeu, não, Excelência. Não tenha medo. (...) Pois bem, Excelência. Cheguei até cá para dizer uma coisa só – que o Tamanho morreu. E quem acabou com o tamanho eu sei quem foi, e sei também que essa pessoa é a única que pode restituir aos homens o antigo e querido tamanho – aquele tamanho malvado, porque se não fosse ele os homens não teriam sido maus como foram, fazedores de guerras, incendiadores de cidades, afundadores de navios, judiadores de judeus.²⁵

No último capítulo, depois de uma disputa acirrada, decidida pelo voto do visconde, o tamanho é restituído à humanidade. Apesar de perdedora, Emília acata a decisão do grupo:

Vendo que não havia remédio senão conformar-se com a opinião do maior número, Emília fungou, fungou e, com a mais nobre humildade – grande exemplo para todos os ditadores do mundo – disse para o visconde: – Pois vamos para a casa das chaves, macaco!²⁶

Em pleno Estado Novo, a questão central do livro é resolvida por meio de um plebiscito. Considerando os rumos que o mundo parecia estar tomando, e que em meio aos acontecimentos tornava-se ainda mais difícil prever a queda dos regimes fascistas, *A chave do tamanho* revela uma opção ideológica singular. Mais do que uma condenação ao Eixo ou ao nazifascismo, o livro foi uma declaração de guerra à própria guerra. Isso, sim, pode ser uma de suas diferenças em relação à literatura infanto-juvenil do período.

Literatura infanto-juvenil em tempo de guerra

Tomo como referência o compêndio de Desmond Taylor,²⁷ *The juvenile novels of World War II*, que reúne 438 títulos, em inglês ou

²⁵ LOBATO, 1950b, p. 161-162.

²⁶ LOBATO, 1950b, p. 206.

²⁷ TAYLOR, 1994.

traduzidos, escritos entre 1940 e 1992. O autor mapeia 167 livros infanto-juvenis sobre a Segunda Guerra no período entre 1940 e 1945. A maioria compõe-se de séries nas quais o conflito significa oportunidade de heroísmo.²⁸ É o caso dos livros de William Earl Johns, Robert Sidney Bowen e Al Avery, que narram aventuras relacionadas à Royal Air Force, nos quais o objetivo dos protagonistas, em geral jovens ou jovens soldados, é neutralizar os planos dos inimigos nazistas ou japoneses.

Entre esse conjunto de livros, segundo a seleção feita por Taylor, uma parcela destina-se a mobilizar as jovens e adolescentes, em geral protagonizada por jovens enfermeiras voluntárias da Cruz Vermelha ou garotas que vencem todos os preconceitos e tornam-se soldados ou pilotos da RAF. Uma minoria trata dos movimentos de fuga e emigração resultantes da guerra. Alguns títulos norte-americanos apresentam o ponto de vista dos que ficaram em casa. Nesses últimos, as crianças ou adolescentes são ou protagonistas de aventuras ou têm contato com um adulto do tipo heróico.

Outra obra de referência, é o livro de Harry Eiss, *Literature for young people on war and peace – an annotated bibliography*.²⁹ O autor apresenta 386 livros de ou sobre literatura infanto-juvenil em tempo de guerra, escritos em língua inglesa ou traduzidos para o inglês. O conjunto cobre desde as guerras míticas do ciclo arturiano, a literatura sobre a Guerra de Secessão, Primeira e Segunda Guerras até a era atômica e a literatura pacifista dos anos 1960. Sobre a Segunda Guerra são noventa e nove, mas contemporâneos ao conflito há poucos exemplos. Um desses livros foi escrito por Munro Leaf, em 1942, mesmo ano de *A chave do tamanho: A war-time handbook for young americans*. O livro ensina às crianças o que fazer para ajudar os Estados Unidos em tempo de guerra. Importante registrar que Munro Leaf é também o autor de “The story of Ferdinand”, um pequeno conto escrito em 1936, sobre um touro que não queria saber de violência. Outro livro norte-americano, desta vez não-ficcional, escrito em 1940 com o objetivo de influenciar a infância e a juventude, foi *Men of Power: a book of dictators*, de Albert Carr. O livro discute nove ditadores:

²⁸ No Brasil, outro autor a falar sobre a Segunda Guerra é Jeronymo Monteiro, no volume intitulado *Os nazis na ilha do mistério*, de 1943. Para ele também a guerra significou um cenário de aventura.

²⁹ EISS, 1989.

Richilieu, Cromwell, Frederick, Napoleon, Bolívar, Bismarck, Mussolini, Stalin e Hitler.

Eiss apresenta ainda uma segunda categoria de livros escritos durante a Segunda Guerra: os diários de crianças ou adolescentes cujas vidas foram diretamente atingidas pelo conflito. Os mais importantes são diários de meninos ou meninas colhidos pelo conflito como *Eu tenho quinze anos e não quero morrer* de Christine Arnothy, judia-alemã; *Diário do jovem Moshe: o tormento espiritual de um garoto judeu na Europa nazista*, três cadernos encontrados pelos sobreviventes da família de Moshe Flinker quando retornaram para casa depois de Auschwitz; *O diário de Anne Frank*, mantido por ela em seu esconderijo em Amsterdam até dois meses antes do final da guerra, quando Anne Frank e sua família foram capturados e enviados para Bergen-Belsen; *O diário de Eva Heyman*, escrito até sua captura e envio para Auschwitz, em 1944, aos 13 anos; ou o livro editado por Hana Volavkova, *Eu nunca vi outra borboleta...*, coletânea de desenhos e poemas de crianças recolhidas ao campo de Terezin entre 1942 e 1944.

No cenário alemão, mobilizar a infância e a juventude também era crucial, como mostra o ensaio de Dagmar Grenz, “The Image of the Girl in national socialist literature for girls”.³⁰ Grenz define como literatura nacional-socialista para garotas os livros que obedecessem a três parâmetros: terem sido escritos entre 1932 e 1945, apoiarem o nacional-socialismo ou serem livros ou de autores recomendados por organizações do partido nacional socialista. Segundo a autora, nos livros escritos entre 1937 e 1944, a jovem desempenha um papel combativo. A protagonista tanto pode ser a adolescente que se encontra fora de seu país quando o conflito tem início e precisa enfrentar mil peripécias para voltar à casa da família, ou a jovem que atua no esforço direto de guerra como enfermeira, telegrafista ou soldado. Glorificam-se as personagens capazes de grandes sacrifícios pela idéia do nacional-socialismo. Num momento em que a mão-de-obra começava a tornar-se escassa, era necessário, novamente, incentivar as mulheres a atuar como força reserva. No conjunto da produção sobressai a idéia da abnegação a um destino guiado por um valor mais alto, representado pela obediência ao *Führer*. Renúncia é o modo de dar sentido à própria vida.

³⁰ GRENZ, 1985, p. 95-107.

Conclusão

Não encontrei entre os livros catalogados por Eiss ou Taylor nenhuma obra de ficção como *A chave do tamanbo*, capaz de condenar a guerra em si, de um ponto de vista mais amplo que a simples tomada de posição ideológica frente ao conflito. Uma evidência desta amplitude é o fato de que, em *A chave do tamanbo*, o cenário da história é o próprio mundo em guerra; diferentemente da maioria dos livros infanto-juvenis do período. Presos aos compromissos da verossimilhança com a realidade, esses livros tratam de situações específicas, em pontos geograficamente delimitados.

Chama a atenção também o fato de que Monteiro Lobato enviou para o *front* não um menino, Pedrinho, mas a boneca Emília, um dos seres fantásticos do Sítio, ao lado do visconde de Sabugosa. Pedrinho fica em cima da cômoda de dona Benta, junto com os demais personagens humanos do Sítio e a sorte do mundo é decidida por dois bonecos: primeiro Emília, depois a dupla formada por ela e o visconde. Aliás, a boneca é o principal personagem nas três histórias em que a Segunda Guerra penetra: *A reforma da natureza*, *A chave do tamanbo* e o capítulo “Reinação atômica”, do livro *Histórias diversas*.

A literatura infanto-juvenil de guerra está repleta de exemplos de aventuras protagonizadas por meninos, como Pedrinho. Nesse segmento, a guerra é vista como oportunidade de aventura e de heroísmo – nada mais distante das convicções de Lobato, que as considerava uma barbaridade e um desperdício de recursos. Valores associados à guerra como a lealdade e o heroísmo do soldado anônimo, presentes nos textos do autor sobre a Guerra do Paraguai, já não encontram a menor chance em *A chave do tamanbo*.

A vertente pacifista da literatura infanto-juvenil sobre a Segunda Guerra viria mais tarde, a partir dos anos 1960 e se constituiria, principalmente, por livros sobre o holocausto. Escritos pelos sobreviventes com base em suas memórias, tanto podem ser autobiográficos como ficcionais. São histórias de fugas, esconderijos ou de ajuda mútua, ou de socorro vindo de onde menos se espera. Ou são livros sobre a Bomba Atômica, a maioria dos quais sobre a tragédia de Sadako, a menina que morreu em 1955 com leucemia em decorrência da radiação. Antes de morrer, Sadako dobrou 664 borboletas de papel, confiante na superstição japonesa de que aquele que dobrasse mil borboletas teria um desejo realizado – no caso dela, recobrar a saúde.

Outra leitura que salta aos olhos é o desencanto de Monteiro Lobato com o mundo industrializado que havia engendrado, em sua busca por novos mercados, a mais violenta guerra jamais conhecida, que triturou milhões de vidas humanas e alocou uma enormidade de recursos materiais. Esse sentimento está exemplificado pelas diversas descrições de equipamentos bélicos destruídos por ocasião da revolução do tamanho.

É paradoxal encontrar esse fastio com o mundo das máquinas e com o progresso material justamente em Monteiro Lobato, o homem que capitaneou durante todo o governo Vargas as principais iniciativas “civis” de industrialização brasileira, através das campanhas do ferro e do petróleo, e que baseava nisso seu projeto de desenvolvimento econômico e social para o Brasil, que gostaria de ver figurando entre os países decisores do mundo. O livro desdenha idéias panfletariamente tratadas em *O poço do visconde* como eficiência, velocidade, industrialização, desenvolvimento econômico.

Num momento em que o domínio do mundo pelo fascismo soava como inevitável, *A chave do tamanho* parece ser a forma encontrada por Lobato para denunciar o recrudescimento da violência e de formar, ainda que a longo prazo, uma geração capaz de combatê-lo. O investimento na literatura infantil foi então, mais uma vez, a fórmula eleita por Monteiro Lobato como resistência. Em carta a Godofredo Rangel, de 28 de março de 1943, ele deixa claro o quanto acreditava no poder da palavra e em seu potencial para a educação infantil:

A receptividade do cérebro infantil ainda limpo de impressões é algo tremendo – e foi ao que o infame fascismo da nossa era recorreu para a sórdida escravização da humanidade e supressão de todas as liberdades. A destruição em curso vai ser a maior da história, porque os soldados de Hitler leram em criança os venenos cientificamente dosados do hitlerismo (...).³¹

Seus textos apresentam alguns pontos de vista recorrentes sobre as guerras. Lobato as considerava inerentes à natureza humana, mas somente possíveis porque uma minoria – em geral organizada sob a forma de governo – se aproveita da estupidez da maioria. A Guerra é a principal definidora da marcha da história e nos textos – cartas, artigos e em *A chave*

³¹ LOBATO, 1961a, p. 346.

do tamanbo – a guerra é faxina, concorrendo para limpar o mundo do excesso de gentes.

As soluções para acabar com as guerras oferecidas por Lobato ao longo de sua obra são variadas. Em artigos sobre a Primeira Guerra propõe desbancar o homem do posto de rei dos animais, já que a inteligência só serviu para subjugar o mais fraco à vontade de uma minoria detentora dos meios de coerção. Em cartas escritas no início dos anos 1940, pensa em varrer a humanidade da face da terra e ironiza sobre os benefícios que homens como Hitler proporcionariam, ao concorrer para este objetivo.

Em *A chave do tamanbo*, Lobato destitui a humanidade de todo o complexo material acumulado em séculos de civilização baseada no ferro e no fogo. Ao retirar dos homens todo o bem-estar acumulado em decorrência da industrialização, Lobato atinge aquilo que ironizava ser a função dos “gênios da guerra”: criar um “raio da morte”, de alcance planetário, capaz de arrasar a própria humanidade.

Acredito, contudo, que *A chave do tamanbo* seja uma aposta radical na própria humanidade. Ao reduzir o poderio da espécie humana, e quase dizimá-la, o autor contava com a emergência de uma nova humanidade, aprimorada pela experiência do confronto com a ausência de meios para exercer a violência, composta por aqueles mais aptos para o novo mundo que fatalmente emergiria dos escombros: os mais sábios.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. *Minima Moralia*. São Paulo: Ática, 1993.

ASHLEY, L. F. (Org.). *Only connect – readings on children’s literature*. 2. ed. Toronto/New York: Oxford University Press, 1980. p.111-120.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato - vida e obra*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1968. 2 v.

ISS, Harry. *Literature for young people on war and peace – an annotated bibliography*. Westport (Connecticut): Greenwood Press, 1989.

- GRENZ, Dagmar. The image of the girl in national socialist literature for girls. In: THE PORTRAYAL OF THE CHILD IN CHILDREN'S LITERATURE, 6, 1983, Bordeaux. *Proceedings* of the 6th conference of the International Research Society on Children's Literature. Munchen: K.G.Saur, 1985, p. 95-107.
- HOBSBAWM, Eric. *A Era dos extremos* (O breve século XX). Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LAJOLO, Marisa. Emília, a boneca atrevida. In: MOTA, Lourenço Dantas; ABDALA JUNIOR, Benjamin (Org.). *Personae – grandes personagens da literatura brasileira*. São Paulo: Senac, 2001. p. 119-137.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961a. 2 v.
- LOBATO, José Bento Monteiro. A vida em Oblivion. In: *Cidades mortas*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961b.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *Cartas Escolhidas*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961c.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *História do mundo para crianças*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950a.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *A chave do tamanho*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950b.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MOURA, Murilo Marcondes de. *Três poetas brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: USP, 1998.
- NUNES, Cassiano. *O sonho brasileiro de Lobato*. Brasília, 1979.
- SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo, Edusp, 1984.
- TAYLOR, Desmond. *The juvenile novels of World War II*. Westport: Greenwood Press, 1994.
- TOLKIEN, J. R. R. Children and fairy stories. In: EGOFF, Sheila; STUBBS, G. T.; ASHLEY, L. F. (Org.). *Only connect – readings on children's literature*, 2nd ed. Toronto/New York: Oxford University Press, 1980. p. 111-120.

Resumo

Em 1942, no coração da Segunda Guerra Mundial, Monteiro Lobato lança *A chave do tamanbo*, livro que propõe retirar da humanidade todos os meios para exercer a violência, alijá-la do acesso ao maquinário guerreiro e reduzi-la ao mundo natural. O livro testemunha uma mudança radical de opinião quanto às noções de desenvolvimento e progresso e demonstra a atenção com que Lobato se debruçou sobre o principal problema de seu tempo.

Resumen

En 1942, en plena Segunda Guerra Mundial, Monteiro Lobato lanza «La Llave del Tamaño», libro que propone retirar de la humanidad todos los medios para ejercer la violencia, negarle el acceso a las máquinas de guerra y reducirla al mundo natural. El libro es testimonio de un cambio de opinión radical con relación a las nociones de desarrollo y progreso y demuestra la atención con que Lobato se dedicó al principal problema de su tiempo.